

Apresentação Dossiê “Eurocentrismo Acadêmico”

Qual a cor de nossas estantes?

Você deve aprender a baixar a cabeça e dizer sempre: muito obrigado!
São palavras que ainda te deixam dizer por ser homem bem disciplinado
Deve, pois, só fazer pelo bem da nação tudo aquilo que for ordenado
Pra ganhar um fuscão no juízo final e diploma de bem-comportado

Gonzaguinha (1973)

Com o tempo pude perceber algo: as instituições de ensino superior – para não desperdiçar um conceito já aprendido – são pharmakos raciais, ou seja, locais que podem ser tanto veneno quanto remédio para a descolonialidade. Por serem instituições do conhecimento elas podem nos ajudar a realizar, através da pesquisa, do ensino, das atividades de extensão e principalmente das patologias ; a autoanálise, reflexão e desconstrução da colonialidade, ajudando-nos na construção de organizações sistêmicas, artísticas e intelectuais de combate ao racismo e outras mazelas do colonialismo. Entretanto, por também ser uma instituição, as mesmas permanecem, imbricadas em suas próprias estruturas, condenadas a repetição da cultura e epistemologia vigente, tornando as universidades locais que ainda nos direcionam a reproduzir as limitações da tradição, e como nossa tradição também é europeia, também há colonialismo dentro de nós. Frantz Fanon, filósofo, psiquiatra e uma das maiores referências teóricas do movimento decolonial já nos mostrou a necessidade de reconhecer e autoanalisar nossas próprias vidas e psiques para verificação das sobras coloniais que nos orientam a práticas que reafirmam tal hierarquia racial, principalmente no campo dos desejos.

O universitário academicista, aquele que não pensa apenas no mercado de trabalho, mas que deseja ocupar uma cadeira, ou melhor dizendo: um lugar de fala na sociedade acadêmica, precisa, antes de tudo, estar inteirado aos jogos de linguagens do local. Não há louco que se diga sociólogo sem se sentir na obrigação de ler Marx, Mestre em Artes que não que não conheça Picasso. Imagine a gargalhada que não daríamos se um Doutor em filosofia anunciasse nunca ter conhecido Hegel. Com certeza nós

descredibilizaríamos qualquer geógrafo que não conhecesse Mercator, como de igual forma um historiador que não saiba citar o nome de três dinastias europeias a nossos olhos pareça pouco confiável. O especialista em Filosofia Alemã antes de ocupar o cargo já se sente pertencente ao departamento, afinal: quem vai dizer que a Alemanha não fez filosofia? Um especialista em Filosofia Africana, antes de falar sobre o pensamento africano específico que desejou trabalhar terá, provavelmente, que se dá ao trabalho de explicar: “Olha, na África também tem filosofia”. O historiador da segunda Guerra sempre terá vaga em uma instituição de ensino superior, o mesmo não se pode dizer de um arqueólogo dos Terreiros da cidade local. Toda universidade sonha com professores que tenham pós-doc na Sorbonne, Haward e Coimbra, o mesmo fetiche não existe pelos profissionais da Universidade de Stellenbosch, Witwatersrand, Pretória, KwaZulu-Natal, Nairóbi... Sinceramente, por aqui só saber que elas existem seria um milagre.

A questão é: por que parece temos o hábito de sempre ter mais conhecimento acerca do que está no Norte e não no Sul? Não se produz conhecimento no sul global? Por que os acadêmicos brasileiros não costumam se citar? Por que a bibliografia tem mais prestígio se tiver mais referências em língua estrangeira? Por que a maioria esmagadora de pesquisas realizadas no Brasil sobre pensadores e teóricos raramente possuem como objeto de pesquisa autores brasileiros, latino-americanos ou africanos? Será que nos outros continentes além da Europa exista tão poucas coisas dignas de realmente serem pesquisadas? Há muitas perguntas, a respostas todos nós sabemos, apenas não gostamos de falar para evitar problemas institucionais e a má-consciência racial.

É de conhecimento geral que a régua do saber é norteadada pelas narrativas do dominante, no nosso caso: o colonizador. Não pregamos aqui nenhum tipo de exclusão do conhecimento do outro. Não há problema conhecer tais coisas, o problema é quando conhecer tais coisas já dão ao sujeito o sentimento de completude irretocável. O problema não se encontra nos usos dos pensadores acadêmicos e teóricos da Europa, mas na supremacia dos mesmos em detrimento de autores das “periferias do globo”. O próprio termo, “periferias do globo” já expressam na linguagem esse etnocentrismo instaurado na própria língua. Pois, apesar do planeta ser redondo e portando não existir centro, o que passa pelas nossas cabeças ao usar tal termo nunca é a Europa. Na academia se você tiver um objeto de pesquisa descolonizado você enfrentará muitos problemas além da rejeição, comumente o maior deles é a solidão intelectual. Mesmo em uma instituição de ensino, você não terá muitos com quem conversar ou citar. Na sua biblioteca não haverá muitos exemplares e seu trabalho de pesquisador realmente será um trabalho mais hercúleo que o comum.

Não há muitas cores na história. A história é pálida que nem papel. Até porque, não existiria sem papel. O que chamamos de história, em especial a história monumental, é essencialmente um registro canonizado. Apesar de haver inúmeros registros e versões de registros, alguns se tornam mais conhecidos, propagados, divinizados e especializados até se tornar o próprio fato, e ao fato incluo a percepção do fato. Assim, se dermos dois passos para o lado e um passo para frente, ou qualquer outra sequência possível, podemos ver outras coisas que vão contra a história, a escrita registrada, o imaginário canonizado, o fato.

Devemos esquecer o roubo de diamantes do aeroporto de Bruxelas de 2013, ou o roubo ao Banco de Knightsbridge na Inglaterra em 1987. Devemos esquecer um pouco o roubo do Museu de Boston em 1990 ou o grande assalto ao Banco Central que aconteceu em 1987 na cidade de Fortaleza. Devemos lembrar que o maior roubo da história foi o conglomerado da modernidade, da colonialidade e da escravidão. Roubaram corpos, crianças, filhos, mães, pais, irmãos, reis, sacerdotes, conselheiros, nomes, histórias, gênios, línguas, tradições, dignidades, reconhecimento... Roubaram vidas, condenaram pessoas, destruíram espíritos. Talvez, como faz questão de frisar tantas vezes Aime Cesaire em Discurso sobre o colonialismo: a Europa seja imperdoável.

Nosso trabalho que desagua e se concretiza nestes textos é este: oferecer um questionamento a este fato e a esta história. Não buscamos retirar ou desbancar nenhum registro disso que é o cânone, apenas queremos acrescentar aquilo que se costuma negar a ouvir, escrever, falar e, principalmente, registrar. Aqui encontraremos textos que visam acusar este eurocentrismo, ou melhor dizendo este *permissivismo racial pela erudição*, ou seja: quando qualquer racismo teórico é permitido pois supostamente seria apenas uma consequência da verificação guiada pelo método acadêmico. “Não tenho culpa se minha conclusão pode parecer racista, eu apenas segui as orientações acadêmicas prescritas pela comunidade e pela instituição”. Assim diz o racista sobre sua pesquisa racista legitimada pela instituição racista.

O problema, portanto, não se encontra nos usos dos pensadores acadêmicos e teóricos da Europa, mas na supremacia dos mesmos em detrimento de autores das “periferias do globo”. O próprio termo, “periferias do globo” já expressam na linguagem esse etnocentrismo instaurado na própria fala. Pois, apesar do planeta ser redondo e claramente não existir centro, o que passa pelas nossas cabeças ao usar tal termo nunca é a Europa. Até o momento, os europeus tentaram universalizar a partir de si. Nós apenas estamos expondo a partir de nós. Ao tentar universalizar, eles disseram que não existimos, felizmente, os avanços da contemporaneidade tem mostrado que nós, dentre muitos outros, existem.

Nesta seleção de textos escritos por autores de diferentes partes do Brasil, em diferentes idades e etapas da formação, buscamos essencialmente, sem a pretensão de revolucionar o campo teórico, criar bibliografia criteriosa e ao mesmo tempo livre para substancializar este conceito que passamos a entender enquanto *eurocentrismo acadêmico*. Encontraremos aqui trabalhos que irão abordar essa padronização via Europa das mais distintas áreas ao mesmo tempo que se permitem pensar outras possibilidades de conceber esta formação sem tamanha violência histórica. Já falamos que a história tem o hábito de ser pálida como papel, só gostaríamos de reiterar que esta palidez se reflete na diversidade de nossas estantes. Se ler é cultivar o espírito e os livros são um de nossos principais nutrientes da alma, por que estamos com almas tão brancas? Por que nossas estantes são tão eurocentralizada? E se já sabemos que elas são, será que não devemos tentar outras coisas?

Salvador, dez. de 2022

Flávio Rocha de Deus – Licenciado em Filosofia (UNEB)
Andressa Lima Batista – Graduanda em Museologia (UFBA)